



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

LETÍCIA FREITAS DE SOUSA BONFIM

**OS EFEITOS DO HALLYU: O uso do Soft Power sul coreano como um
instrumento de política externa**

**Brasília-DF
2021**

LETÍCIA FREITAS DE SOUSA BONFIM

**OS EFEITOS DO HALLYU: O uso do Soft Power sul coreano como um
instrumento de política externa**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais – FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Rosa Muñoz.

**Brasília-DF
2021**

LETÍCIA FREITAS DE SOUSA BONFIM

**OS EFEITOS DO HALLYU: O uso do Soft Power sul coreano como um
instrumento de política externa**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais – FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Rosa Muñoz.

Brasília, 2021

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Luciano da Rosa Muñoz. (Orientador)

Professor(a) avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, aos meus pais, irmão e familiares por terem me apoiado desde a escolha do curso bem como toda a minha jornada na graduação, contribuindo para a minha educação e sucesso profissional.

Aos amigos que fiz no ambiente universitário e que sempre estiveram comigo desde o primeiro semestre, especialmente a Gabriella Rodrigues, Jaelson e Ana Beatriz, que me apoiaram na escolha do tema desta monografia, além de toda ajuda nas provas e trabalhos ao longo do curso.

Aos meus queridos Professores que mesmo com regime de estudo a distância devido a pandemia de covid-19 sempre conseguiram passar seus conhecimentos com êxito e competência contribuindo para a excelente qualidade da minha formação. E em especial ao Professor Luciano Muñoz que de forma tranquila e bem disposta me orientou e me apoiou na produção desta monografia.

“O amanhã que estávamos esperando
se torna ontem em algum momento”

- BTS

RESUMO

O conceito de poder é um tema que se tem divergências dentro da academia de Relações Internacionais e Ciências Políticas. O debate em torno desse objeto é pensado por diversos teóricos. A definição realista diz que se trata do “controle do homem sobre as mentes e ações de outros homens”, porém a percepção de Nye mudou como poder é percebido nas relações Internacionais. O poder se trata de moldar as preferências dos outros, sendo classificado em poder bruto e poder suave. Sendo assim, essa monografia aborda como a Coreia do Sul desenvolveu seu poder suave através de sua indústria cultural para a construção de uma imagem positiva no cenário internacional, explorando de que modo sua diplomacia cultural trouxe ganhos políticos concretos, influenciando outras nações a aderir suas ideologias para além de seus ganhos econômicos. Em seguida, apresentou-se como os estudos acerca da mídia nas relações internacionais vêm sendo negligenciados frente a sua importância, a fim de fazer um contraponto às teorias clássicas de R.I e sua noção de atores do Sistema. Para isso, essa pesquisa utilizou-se das teorias liberal e crítica, aplicando o método de revisão bibliográfica e qualitativa de estudos anteriores acerca do tema.

Palavras-chaves: Soft Power. Diplomacia Cultural. Coreia do Sul. Hallyu Wave. Onda Coreana. Poder.

ABSTRACT

The concept of power is a topic that has divergences within the academics of International Relations and Political Science. The debate around this object is thought by several theorists. The realist definition says that it is about "man's control over minds and actions of other men", but Nye's perception has changed how power is perceived in international relations. Power is about shaping the preferences of others, being classified into hard power and soft power. As such, this monograph addresses how South Korea developed its soft power through its cultural industry to build a positive image on the international stage, exploring how its cultural diplomacy brought concrete political gains, influencing other nations to adhere to its ideologies beyond their economic gains. Then, it was presented how studies about the media in international relations have been neglected due to its importance, in order to make a counterpoint to the classical theories of I.R and its notion of System actors. For this, this research used liberal and critical theories, applying the bibliographic and qualitative review method of previous studies on the subject.

Key-Words: Soft Power. Cultural Diplomacy. South Korea. Hallyu Wave. Korean Wave. Power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I - <i>SOFT POWER</i> - CONCEITOS E DIPLOMACIA CULTURAL	7
1.1. O conceito de poder nas Relações Internacionais	7
1.2 O <i>Soft Power</i> , <i>Hard Power</i> e o pensamento de Joseph Nye	10
1.3 A crítica acerca do Pensamento de Nye e outras classificações de <i>Soft Power</i>	13
1.4 Diplomacia Pública, o instrumento do <i>Soft Power</i> para além da teoria	15
CAPÍTULO II – A INDÚSTRIA DA HALLYU- ORIGENS CULTURAIS E ECONÔMICAS DA ONDA COREANA	18
2.1. A formação do Estado Coreano	18
2.2. O modelo Capitalista Coreano	22
2.3. A crise econômica de 1997 e a Onda Coreana.	27
CAPÍTULO III – EFEITOS DO <i>HALLYU</i> NA POLÍTICA EXTERNA SUL COREANA E IMPLICAÇÕES ACERCA DO PENSAMENTO REALISTA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	31
3.1 Caso Terminal High Altitude Area Defense (THAAD) e a Hallyu na China	31
3.2 Implicações da cultura pop sul coreana em sua Política Externa e Doméstica	35
3.3 A mídia nas Relações Internacionais	38
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Diante da dinamicidade do Sistema internacional, o poder de um Estado pode ser medido não apenas ao seu potencial bélico, o que chamamos de *Hard Power*; mas também pela sua capacidade de atração e de moldar as preferências dos outros de acordo com a sua ideologia, o chamado *Soft Power*. Com isso, o investimento dos países em cultura, valores e instrumentos ideológicos vem se tornando cada vez mais necessário, como é observado na ambiguidade entre as Coreias. Enquanto a Coreia do Norte desenvolve apenas seu *Hard Power*, a Coreia do Sul tem aprimorado cada vez seus recursos de poder brando, disseminando sua cultura no cenário internacional.

Desse modo, esta monografia busca analisar a crescente influência cultural da Coreia do Sul no cenário internacional desde a crise financeira asiática de 1997, analisando como a *Hallyu Wave* (termo utilizado para se referir a popularização da cultura pop sul-coreana) influencia sua relação com outros Estados, além de ser utilizada como instrumento de diplomacia cultural pela Coreia do Sul a fim de estabelecer um *Soft Power* concreto.

Diante disso, vale destacar que os estudos acerca dos elementos culturais dos Estados se mostram cada vez mais necessários no campo das Relações Internacionais. Vê-se que é notória a escassez de pesquisas abordando essa temática, por conta do preterimento da academia em relação à mídia e cultura para com temas clássicos como os de segurança e defesa. Tal situação se verifica, sobretudo com aqueles que analisam países asiáticos, se reduzindo ainda mais quando recortamos a abordagem para a Coreia do Sul.

Para tanto, o estudo foi norteado pelo seguinte problema de pesquisa: “Em que medida a diplomacia cultural da Coreia do Sul traz ganhos políticos concretos, além de seus ganhos econômicos?”. Desse modo, o objetivo geral se pautou em examinar como a cultura pop pode se tornar um instrumento de política externa e um produto de exportação.

O primeiro capítulo deste trabalho de conclusão de curso consiste em uma revisão teórica acerca do conceito de poder no entendimento de diversos autores do

campo das Relações Internacionais e das Ciências Política. O objetivo é alcançar a compreensão geral da teoria de “*Soft Power*”, elaborada pelo Professor Joseph Nye, em seu livro “*Soft Power: The Means To Success In World Politics*” (2004), além da inserção do termo “diplomacia pública” como um instrumento de *Soft Power* para além do plano teórico.

Já no segundo capítulo, além apresentar um teor histórico-cultural da formação do Estado sul coreano desde sua história feudal até a separação das Coreias em 1945, buscou-se apresentar como se desenvolveu o sistema capitalista no contexto da Guerra Fria, relacionando seu rápido crescimento econômico até a crise financeira em 1997 com o surgimento da “Onda coreana”, fruto de investimentos estatais como alternativa para driblar a crise econômica e, conseqüentemente, se tornou também um instrumento de política externa.

Em consonância, o último capítulo trouxe estudos de casos para analisar como o *Soft Power* sul coreano influenciou suas relações com países geograficamente próximos, como nos episódios relatados com a China e Coréia do Norte. Além de implicações em sua própria política doméstica, esse capítulo também buscou demonstrar o impacto das mídias nas Relações Internacionais, a fim de fazer um contraponto à teoria Realista.

Para a realização dessa pesquisa científica, se utilizou do método de revisão bibliográfica e qualitativa de estudos anteriores acerca do tema. Como fonte de pesquisa, foram empregados artigos científicos, livros, teses, dissertações e reportagens não acadêmicas, mas que apresentavam uma vasta perspectiva analítica de eventos recentes da Onda Coreana no qual implica para a sua política externa.

CAPÍTULO I - *SOFT POWER* - CONCEITOS E DIPLOMACIA CULTURAL

O primeiro capítulo desta monografia consiste em uma revisão bibliográfica acerca da terminologia “poder” no entendimento de diversos autores do campo das Relações Internacionais e Ciências Política para a melhor compreensão do conceito de “*Soft Power*”, elaborado por Joseph Nye. Na sequência, é apresentada uma explicação acerca dos conceitos de diplomacia cultural e diplomacia pública a fim de complementar a noção de *Soft Power*.

1.1. O conceito de poder nas Relações Internacionais

Poder é um tema altamente discutido dentro da academia de Relações Internacionais e Ciências Políticas. O debate em torno desse objeto é pensado por diversos teóricos, com algumas divergências entre as diversas correntes teóricas, e “com frequência, poder é relacionado a termos concorrentes, como influência, autoridade, controle, coerção, força, persuasão, entre outros.” (SILVA et al., 2010, p. 209)

Para os realistas, poder significa “controle do homem sobre as mentes e ações de outros homens”. Poder político, por sua vez, se refere às relações mútuas de controle entre os titulares de autoridade pública e o povo de modo geral (Morgenthau.1948, p. 52), ou seja, poder é uma relação entre quem controla e quem é controlado.

A lógica realista é uma lógica Hobbesiana, que por sua vez classifica o poder em três elementos básicos:

Militar, econômico e ideológico/psicossocial. De acordo com Bobbio, a divisão de poder em Hobbes poderia ser feita em duas partes: o poder temporal, que se ramifica em *imperium* — poder militar, ligado à segurança — e *dominium* — poder econômico, que provê os recursos de sustentação às políticas; e o poder espiritual, que se constituía no poder ideológico, que estabelece e consolida a coesão e a disciplina sociais, fornecendo apoio às ações governamentais internas e externas (ROCHMAN, 1999).

O realismo entende que o Estado de natureza pensado por Thomas Hobbes, de guerra de todos contra todos, faz com que os Estados busquem ter poder e ou

manter o poder que já possuem. “O resultado, é o surgimento de um equilíbrio ou de uma balança de poder entre os diversos atores do sistema internacional” (SILVA; GONÇALVES, 2010. P 211).

Max Weber define os conceitos de poder e dominação. O poder é a imposição da vontade sobre as relações sociais, mesmo com a probabilidade de se haver resistências. “Dominação, no sentido muito geral de poder, isto é, de possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria, pode apresentar-se nas formas mais diversas” (WEBER, 2004, p. 188), ou seja, o poder emite a vontade sobre os sujeitos e a dominação seria o receptor e legitimador dessa vontade. Weber ainda define três tipos de poder, o legal, o tradicional e o carismático:

O Poder legal, que é especificamente característico da sociedade moderna, funda-se sobre a crença na legitimidade de ordenamentos jurídicos que definem expressamente a função do detentor do Poder. A fonte do Poder é, portanto, a lei [...] O Poder tradicional funda-se sobre a crença no caráter sacro do Poder existente “desde sempre”. A fonte do Poder é portanto a tradição [...] O Poder carismático, enfim, está fundado na dedicação afetiva à pessoa do chefe e ao caráter sacro, à força heróica, ao valor exemplar ou ao Poder de espírito e da palavra que o distinguem de modo especial. A fonte do Poder se conecta com o que é novo, com o que não existiu nunca, e por isso o Poder tende a não suportar vínculos predeterminados. (BOBBIO, 1998, p. 940).

Bobbio (1998, p. 935) reflete pelos meios onde o poder pode ser exercido. Eles são as ferramentas de seu exercício e, como pode ser algo relativo, como, por exemplo, o poder econômico onde se pode induzir o comportamento de alguém se valendo de meios de pagamentos monetários. Porém, se o detentor desse poder econômico estivesse sozinho ou, por alguma razão, a outra pessoa não aceitasse o dinheiro, que é o instrumento de poder, o poder que era possuído desapareceria pela sua falta de legitimidade e isso mostra que o poder não é pautado em uma única coisa e sim no outro e no modo que esse é influenciado a comportar-se de acordo com os desejos do detentor do poder.

Susan Strange (1994) disserta sobre o poder estrutural que, em suma, é a capacidade de definir estruturas da política econômica mundial, definir regras e parâmetros nos quais as instituições deverão operar. “Sua característica fundamental é a capacidade que seu possuidor tem de alterar a gama de escolhas

disponíveis aos demais agentes que operam na estrutura” (ALENCAR; NUNES, 2018, p. 129).

Com isso, podemos observar quatro tipos de poder estrutural: o do conhecimento, que refere-se à capacidade de influenciar as ideias de terceiros; o poder da estrutura financeira, que está ligado ao poder de restringir ou facilitar o acesso ao crédito; o poder estrutural de segurança, que propicia a manutenção e operação da defesa e segurança nacional; e o poder de estrutura de produção, que é pautado na relações de consumo e produção (SILVA; GONÇALVES, 2010, p. 212).

A noção de poder para Strange é crítica, a visão realista onde o Estado toma suas decisões por meios de coerção pautadas em seu poderio militar e econômico e que, em último caso, acaba por impor suas vontades pelo alicerce do medo, no qual o sistema internacional funciona pela busca da segurança nacional e onde os Estados buscam maior poder bélico e econômico. Entretanto, na visão de Strange esse tipo de poder, por mais importante que seja, não é o único agente, pois nem sempre é eficaz nas tomadas de decisões. As ideias, valores, conhecimentos, *know-how* e riqueza são importantes instrumentos de poder, dependendo da situação (ALENCAR; NUNES, 2018, p. 129).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu, em seu livro “O poder simbólico” (1989), discorre sobre como o poder tem um potencial de ser algo invisível, uma construção social acerca do pensamento do grupo dominante, que faz com que os grupos dominados da sociedade reproduzam a sua forma de pensar. Como exemplo, pode-se citar minorias políticas, como mulheres com um pensamento considerado sexista ou ainda o pensamento colonizado em que muitas pessoas consideram o modo de vida europeu ou americano como o ideal e muitas vezes a única referência de “excelência”, em suas palavras. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber a que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Desse modo, o poder simbólico para Bourdieu (1989) é, fundamentalmente, um poder de construção da realidade. Tal poder detém os meios de afirmar o sentido imediato do mundo, instituindo valores, classificações

(hierarquia) e conceitos que se apresentam aos agentes como espontâneos, naturais e desinteressados (ROSA, 2017, p. 6).

O poder simbólico pode ser exercido em diferentes meios, como a cultura, língua, religião, arte etc., o que Bourdieu (1989) denomina de sistemas simbólicos com uma sistemática que legitima o exercício do poder simbólico nas classes dominadas.

Os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam contribuindo assim segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1989, p.11).

Os sistemas simbólicos, por sua vez, possuem a função de mostrar, formar e incitar o pensamento dominante para as classes dominadas, pois ele cria um imaginário que o beneficia e o legitima, como por exemplo: "Se um filme de Hollywood transmite a imagem de que o *American Way of Life* é o modo de vida a ser desejado e consumido no mundo, não é pelo que os personagens dizem, mas pela legitimidade do emissor do produto" (BALLERINI, 2017, p. 30).

O poder simbólico, conseqüentemente, causa a violência simbólica na qual possui características e arranjos semelhantes, pois a violência simbólica é uma estrutura de dominação invisível às suas vítimas, "exercida essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento" (ROSA, 2017, p. 6). Além disso, como observa Frantjesco Ballerini (2017), o poder simbólico só se materializa pela autoridade que o emissor exerce por meio de instituições sociais, que podem utilizar a censura, imposta a todos os produtores dos sistemas simbólicos.

Essa socialização, conjunto de comportamentos, gostos, preferências e afins, reproduzido pelos entes da sociedade nos quais são influenciados e moldados pelas estruturas pré existentes, é o chamado *habitus*. Esse termo, elaborado por Pierre Bourdieu, é classificado como "disposições adquiridas, principalmente, inconscientemente, que exprimem, entre outros, o gosto pessoal, entendido como

julgamentos classificatórios baseados em uma hierarquia de valores e que geram as práticas dos sujeitos sociais” (ROSA, 2017, p. 7).

Bourdieu (1989, p. 11-12) ainda observa que as diferentes classes e facções da sociedade, sejam elas hegemônicas ou não, estão envolvidas em uma luta simbólica para imporem a sua própria definição do mundo social, conforme seus interesses, pois o campo de produção simbólica é de certa forma um instrumento de poder pois ela legitima certas preferências e padrões de comportamentos.

1.2 O *Soft Power*, *Hard Power* e o pensamento de Joseph Nye

Como observado na seção anterior, existem diversas formas de exercer poder para além do poder militar e econômico. Joseph Nye cita o termo *Soft Power* pela primeira vez em 1990, em seu livro *Bound To Lead: The Changing Nature Of American Power*. O autor utiliza o termo para explicar o comportamento dos Estados Unidos da América durante o declínio de sua hegemonia na década de 1980, onde seus recursos de *Hard Power* estavam sendo enfraquecidos devido às mudanças de posições hegemônicas de mercados. Também considerada a capacidade alcançada por outros países de produzir alta tecnologia. O *Soft Power* se tornou então um elemento alternativo e importante para a manutenção da liderança global dos EUA (GEUN LEE, 2009, p. 204. Tradução nossa). Entretanto, esse termo atualmente compreende mais fatores e enxerga que a boa reputação de um Estado, aliado de uma cultura dinâmica e atraente, mesmo que o mesmo não disponha de um poderoso arsenal bélico ou outros métodos mais tradicionais de coerção, fazem com que ele ainda possua a capacidade de persuasão e de influenciar outros Estados, justamente pela sua cultura (HWA; KIM; CONNOLLY, 2016, p. 533).

No entanto, Nye discorre e desenvolve os conceitos de *Soft Power* (Poder suave) e *Hard Power* (Poder Bruto) mais aprofundadamente em seu livro “*Soft Power: the Means to Success in World Politics*” (2004) no qual ele faz uma reflexão em torno do significado de “poder”, que, na visão do autor, significa a capacidade de fazer coisas. Em termos gerais, a capacidade de obter o resultado desejado e também a competência de influenciar ações de terceiros para obter aquilo que

deseja. O autor ainda discorre sobre dois tipos de poder, o *Hard Power*, ou poder bruto, que seria o poder coercitivo, capacidades militares e econômicas, e o *Soft Power*, poder suave, ou seja o poder de influenciar, por meios dos seus aspectos culturais ou ideológicos. Em suas palavras:

Todos estão familiarizados com o *Hard Power*. Sabemos que os poderes militares e os econômicos podem frequentemente fazer com que outros mudem de posição. O poder bruto (*Hard Power*) pode se apoiar em incentivos ("cenouras") ou ameaças ("varas"). Mas às vezes você pode obter os resultados que deseja sem ameaças tangíveis ou recompensas. A maneira indireta de obter o que deseja às vezes é chamada de "a segunda face do poder". Um país pode obter os resultados que deseja na política mundial porque outros países - admirando seus valores, imitando seu exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e abertura - desejam segui-lo. Nesse sentido, também é importante definir a agenda e atrair outros na política mundial, e não apenas forçá-los a mudar por meio de ameaças de força militar ou sanções econômicas. Este *Soft Power* faz com que os outros queiram os resultados que você deseja - coopta as pessoas em vez de coagi-las. (NYE, 2004, p. 5. Tradução nossa).

Nye (2004, p. 7), ainda assim, afirma que *Hard* e *Soft Power* são dois conceitos conexos, pois ambos buscam a mesma finalidade, a de influenciar o comportamento dos outros. E a diferença entre os dois seria a maneira e os recursos que são utilizados para obter tal finalidade, pois a habilidade de mudar o comportamento dos outros pode ser motivada por ações coercitivas ou de atratividade.

O poder suave na visão de Nye (2004) surge da capacidade de atratividade no qual o Estado possui se valendo de sua cultura, valores, ideais, políticas etc., pois, quando seus ideais são admirados pelos outros e a capacidade de fazer com que eles sigam a sua vontade é estabelecida, o Estado economiza em políticas de incentivos, sanções e esforços para movê-los em sua direção. Em outras palavras, a sedução é mais eficaz que a coerção. Um exemplo prático é que as pessoas não costumam admirar os EUA pela sua capacidade de destruir o mundo com seu arsenal de bombas nucleares, mas sim pelos seus valores democráticos, sua cultura, o *American Way of Life*, as pessoas anseiam ser ou se parecer com eles. (BALLERINI, 2017, p. 18)

Nye (2004) explica que o *Soft Power* se baseia na capacidade de moldar as preferências dos outros, o poder está na atração. Nye faz uma ótima observação na questão de modelar as preferências. Essa é a chave do poder suave, que no âmbito cultural faz com que prefiramos assistir um filme de Hollywood ao invés do nacional, assistir uma novela brasileira e não portuguesa, ouvir uma música coreana ao invés de chinesa, comprar em uma grife francesa e não sueca etc. (Apud BALLERINI, 2017, p. 18).

QUADRO 1 – OS TRÊS TIPOS DE PODER

	Behaviors	Primary Currencies	Government Policies
Military Power	coercion deterrence protection	threats force	coercive diplomacy war alliance
Economic Power	inducement coercion	payments sanctions	aid bribes sanctions
Soft Power	attraction agenda setting	values culture policies institutions	public diplomacy bilateral and multilateral diplomacy

Three Types of Power

Fonte: Retirado de Nye (2004, p. 31)

O Quadro 1 nos apresenta, de modo mais prático, como funciona institucionalmente o *Hard Power*, que é identificado como poder militar ou econômico, e o *Soft Power*. No comportamento apontado como um poder bruto, o Estado o demonstra nas formas de coerção tanto militar como econômica, dissuasão, proteção, e incentivos econômicos e os primeiros procedimentos acerca desses comportamentos seriam a ameaça, o uso da força, pagamentos ou sanções. Consequentemente, as políticas de governo em torno desse *Hard Power*, em termos gerais, são a diplomacia coercitiva, a guerra, alianças com outros países, ajuda, ameaças e sanções econômicas. Já no uso do *Soft Power*, os Estados se comportam na forma de atração, na construção de uma agenda atraente. Para Nye (2004, p. 11. Tradução nossa), “o *Soft Power* de um país repousa principalmente em

três recursos: sua cultura (em lugares onde é atraente para os outros), seus valores políticos (quando faz jus a eles em casa e no exterior) e suas políticas externas (quando são vistos como legítimas e com autoridade moral)". A diplomacia cultural e as diplomacias bilateral e multilateral são as formas institucionalizadas do *Soft Power* utilizadas pelos Estados.

Nye divide o poder que o Estado pode utilizar em três esferas, pois ele pode coagir com ameaças, aliciar com pagamentos, ou, ao invés de empregar essas formas mais duras o Estado pode atrair e cooptar os outros. Essa tipologia do poder é multidimensional, na linha do arquétipo proposto na importante obra de E. H. Carr, 1939, Entretanto, segundo o autor, a era da informação cibernética expandiu significativamente a eficácia do *Soft Power* (LOBO-FERNANDES, 2005, p. 169).

1.3 A crítica acerca do Pensamento de Nye e outras classificações de *Soft Power*

O Professor Geun Lee (2009), no artigo "*A theory of Soft Power and Korea's Soft Power strategy*", faz uma crítica à definição de *Soft Power* de Nye. Para ele, a discussão sobre o *Soft Power* foi, na verdade, uma discussão sobre a liderança dos EUA, e esse debate é altamente contextual pois reflete na posição hegemônica americana, não podendo ser aplicado a potências inferiores sem antes analisar conforme o contexto primeiro.

Visto isso, Lee (2009, p. 207) redefine o conceito de poder suave e o divide em cinco categorias: A primeira, o *Soft Power*, é usado para melhorar o ambiente de segurança externa, projetando imagens pacíficas e atraentes de um país. Os recursos utilizados nessa categoria são slogans nacionais, propostas de políticas e diplomacias públicas para minimizar a imagem de um país agressivo e projetar uma imagem pacífica. Foi utilizado pelo Japão no pós Segunda Guerra, onde concentrou esforços para projetar uma imagem pacífica através da Constituição de Paz, os três princípios não nucleares, a autocontenção das Forças de Autodefesa e 1% do PIB limite de gastos com defesa.

A segunda categoria de *Soft Power* visa mobilizar o apoio de outros países para suas políticas externas e de segurança. Para que a segunda categoria de poder suave seja eficaz, faz-se necessária uma liderança forte e uma mobilização coletiva entre os diferentes países. Um exemplo de uso desse recurso é a justificativa de sanções econômicas ou invasões estrangeiras por meio da ONU e o uso da mídia para manipular negativamente a imagem de outros Estados.

A terceira classe de *Soft Power* é a manipulação do pensamento e as preferências de outros países. Tal categoria se utiliza de recursos ideológicos, usando teorias, conceitos ou discursos para influenciar o pensamento de outros Estados. Um exemplo desse recurso que foram usufruídos pelos EUA e Japão e o Consenso de Washington, o neoliberalismo e o sistema de produção toyotista, com a técnica do Just in Time. Ademais, celebridades, ganhadores do prêmio Nobel, CEOs de grandes empresas e outras figuras públicas desempenham um papel importante para a disseminação dessas teorias e recursos, contribuindo para aumentar o potencial de *Soft Power* de um Estado.

O quarto mecanismo de *Soft Power* é usado internamente para a manutenção da unidade de uma comunidade de países. Ele se baseia em uma lealdade e identificação de seus membros e tem como recursos os símbolos nacionais, rituais imperiais, língua e a implementação de tradições e estilos de vida comuns. Esse recurso pode ser observado quando a União Europeia capta esforços para estabelecer uma instituição comum e promover a manutenção do bloco.

O último recurso de *Soft Power* estabelecido por Geun Lee tem o objetivo de aumentar os índices de aprovação de um líder ou apoio doméstico a um governo. Essa categoria também é direcionada para uma unidade doméstica, porém com uma dimensão internacional. São exemplos dessa categoria a criação de heróis nacionais, a promoção do patriotismo por meio de competições esportivas internacionais, ou mostrando uma boa performance do país em assuntos internos ou em conferências internacionais, a fim de aumentar a popularidade doméstica de um líder ou governo.

A Coreia do Sul, segundo Geun Lee (2009, p. 213), possui notáveis recursos de *Soft Power*, tal qual a sua bem sucedida experiência de modernização e

democratização em um curto período de tempo, contando com diversas multinacionais no ramo da tecnologia e setor automobilístico, além da “Onda Coreana”, ou *Hallyu*, termo que será aprofundado posteriormente. De forma simplista, consiste na expansão de sua cultura, exportando música, novelas, moda, cinema e arte mundo afora. Essa onda coreana é bem vinda sobretudo em países do leste asiático e o governo coreano pode utilizá-la como uma forma para difundir os estilos de vida coreanos para que os consumidores estrangeiros passem a absorver, habitualmente, cultura, bens e serviços coreanos. Isso pode ser feito com a ajuda de celebridades coreanas ou deliberadamente por esforços do governo para divulgar os padrões, cultura e as marcas coreanas.

1.4 Diplomacia Pública, o instrumento do *Soft Power* para além da teoria

Segundo Nye (2004, p. 107), o termo diplomacia pública surge em 1963, quando um famoso locutor da *United States Information Agency* (USIA), Edward R. Murrow, a define como interações destinadas a atores do Sistema Internacional, como Estados, e principalmente Organismos não governamentais e indivíduos. A diplomacia pública envolve a transmissão de informações e a projeção de uma imagem positiva do país e compreende a construção de relacionamentos de longo prazo, criando um ambiente propício para as políticas governamentais.

Para Snow (2014), a diplomacia pública consiste na criação de elementos intangíveis para a promoção de sua imagem no exterior, no qual inclui opinião pública de indivíduos comuns para além da diplomacia feita por diplomatas com alta capacidade técnica. Em suas palavras:

A diplomacia pública é um processo global orientado para a diplomacia para o público. A comunicação aberta, a interação e o alcance do público por meio de notícias e gestão de opinião são esperados na diplomacia pública. Ao contrário da diplomacia tradicional, que envolve uma pequena rede de indivíduos treinados e educados, a missão da diplomacia pública está aberta a todos [...] No curto prazo, a diplomacia pública trata de passar a mensagem de alguém para o público estrangeiro de maneira oportuna e compreensível. Em sua essência, a melhor diplomacia pública trata da construção de relacionamentos e do entendimento mútuo entre as partes envolvidas em uma troca de comunicação. (SNOW. 2014. p 67-68. Tradução nossa)

A diplomacia pública, em sua essência, é norte-americana, embora suas características tenham sido formadas bem antes de sua origem durante a Guerra Fria. Ela é usada inicialmente para angariar uma imagem positiva dos EUA. É um fenômeno antigo, porém sua classificação é recente. A diplomacia pública é como vinho velho em novas garrafas, sendo essas novas garrafas a democratização da informação e as novas tecnologias de informação e comunicação, como o rádio, cinema, televisão e internet, que reduziram as fronteiras entre os públicos globais (SNOW, 2014, p 67. Tradução nossa).

Nye (2004) classifica a diplomacia pública em três dimensões, todas possuem uma relevância na formação de relações interculturais a longo prazo com outros países e dependem de iniciativas diretas do governo.

A primeira classificação, e a mais pontual, é a comunicação diária, que diz respeito à transparência acerca das decisões de política externa e doméstica do Estado, publicando-as na mídia, dando enfoque no posicionamento do país em questões de política externa e se preparando para um contra ataque, pois uma de suas funções é a capacidade de usar essa transparência como uma apoio para rebater acusações falsas ou enganosas.

A segunda classificação é a comunicação estratégica. Ela se assemelha a uma campanha publicitária com o planejamento de eventos e comunicações simbólicas para promover o país no ambiente internacional.

O terceiro aspecto da diplomacia pública consiste no desenvolvimento de relações duradouras a longo prazo com indivíduos-chave com base no seu desenvolvimento educacional. Tal ação é feita por meio de bolsas de estudos em universidades e escolas, intercâmbios, treinamentos, seminários e conferências.

Nye ainda afirma que:

Cada um desses três aspectos da diplomacia pública desempenha um papel importante na construção da imagem de um país, o que pode melhorar suas perspectivas de alcançar os resultados desejados. No entanto, mesmo os melhores anúncios não podem vender produtos impopulares, e políticas que parecem ser estritamente egoístas ou arrogantes tendem a consumir em vez de produzir *Soft Power*. Na melhor das hipóteses, um relacionamento amigável de longo prazo tornará os outros mais tolerantes com suas reações. Às vezes, os amigos lhe trarão o

benefício das dúvidas ou estarão mais dispostos a perdoá-lo (NYE, 2004, p. 110. Tradução nossa).

A diplomacia pública é confundida muitas vezes com diplomacia cultural, uma vez que as duas possuem características semelhantes, porém uma complementa a outra, pois de acordo com Kozymka (2014), “diplomacia cultural é o uso da cultura de uma nação para apoiar seus objetivos da política externa, para combater os estereótipos, desenvolver a compreensão mútua e promover a reputação nacional e as relações além da fronteira” (Apud JISUNG YOO, 2018, p. 6. Tradução Livre).

Ogoura (2012) destaca que a diplomacia pública está intimamente ligada a uma função política muito específica, contendo objetivos pré-determinados e calculados, enquanto a diplomacia cultural não é necessariamente ligada a um objetivo político pré-determinado, podendo ser algo puramente econômico. O principal motivo para a confusão entre os temas é que, por vezes, as duas se mesclam, pois a diplomacia pública pode usar atividades culturais como um instrumento para a promoção da imagem do país no exterior.

Visto isso, Ribeiro (2011, p. 31) destaca que a diplomacia cultural abrange as seguintes ideias: (a) intercâmbio de pessoas; (b) promoção da arte e artistas nacionais no exterior; (c) ensino da língua com uma carga de valores ; (d) distribuição interligada de materiais de divulgação do país; (e) apoio a projetos de cooperação intelectual internacional; (f) apoio a projetos de cooperação técnica e (g) integração e maturidade destas programações.

Por fim, Ribeiro (2011, p. 24) afirma que a maioria dos países desenvolvidos, ainda que não sejam claros com seus objetivos, tiram vantagens de seu fator cultural buscado criar uma atratividade por meio deste, entrosando-o à sua diplomacia, seja ela política, econômica, comercial ou técnica. Consequentemente, aumentam suas ligações culturais, as quais são usadas como artifício para a circulação de suas ideias, produtos e formação de alianças. Esses Estados conseguiram projetar sua cultura a depender de seu peso político e do nível de abertura dos outros países para seus produtos culturais, de acordo com a sua proximidade histórica, cultural, linguística etc., porém, esta sempre constituirá em uma penetração cultural, seja a um nível bilateral, regional ou até mesmo global.

CAPÍTULO II – A INDÚSTRIA DA HALLYU- ORIGENS CULTURAIS E ECONÔMICAS DA ONDA COREANA

Para entender o fenômeno da Onda Coreana, ou *Hallyu*, e como ela se tornou uma importante ferramenta de *Soft Power* e diplomacia cultural para a Coreia do Sul, é necessário compreender a formação do Estado coreano, suas origens culturais, econômicas, seus embaraços e alianças diplomáticas, os quais auxiliaram na criação de uma potente indústria cultural em um pequeno país do leste asiático.

2.1. A formação do Estado Coreano

Do ponto de vista histórico, a nação coreana é milenar, com registros de ocupação desde 10 mil anos a.C, quando povos da Mongólia e da região setentrional da China migraram para a região (MACEDO, 2018). Sítios arqueológicos encontrados nas províncias chinesas de Liaoning e Jilin e também em toda a península Coreana apontam que, durante a Idade do Bronze, começava a se formar uma sociedade baseadas em pequenos clãs que eram comandados por um chefe, e se fundiam a outros clãs para formarem um cada vez mais forte. Assim, gradualmente, surgiam pequenos Estados, posteriormente formando, devido a união desses clãs, o primeiro estado reconhecível na península coreana, por volta do ano de 2333 a.C, o reino de Gojoseon (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF KOREA, 2021).

Após o surgimento de facções rivais e conflito com dinastias chinesas, o reino de Gojoseon declinou, se dividindo e dando origem ao período dos três reinos, que se iniciou por volta de 57 a.C e durou até o ano de 668.

O reino de Goguryeo foi o primeiro reino a se estabelecer formalmente e sendo o maior deles, ocupando parte da Manchúria e mais da metade do território da península Coreana. Conhecido por ter um grande exército, travou diversas batalhas com dinastias chinesas ao longo de seu período.

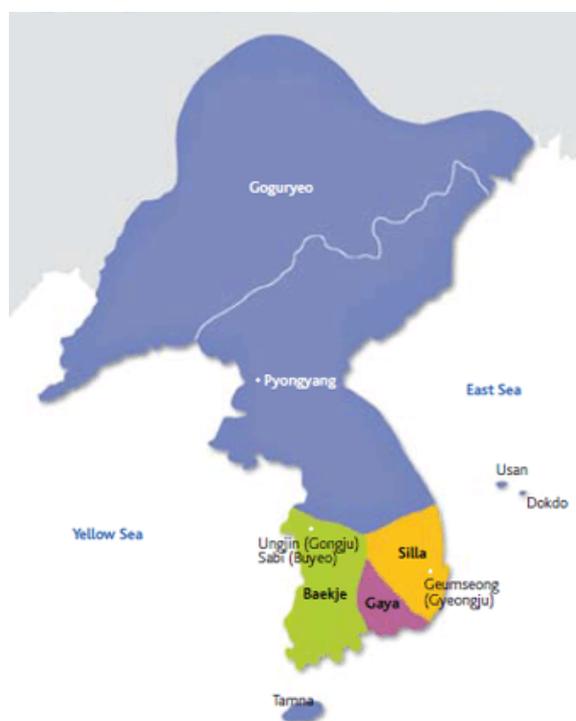
O reino de Baekje era um reino confederado de várias cidades estado, e, posteriormente, passou para uma unificação interna. Possuía uma agricultura

avançada e boas relações com a China e Japão com os quais realizava trocas comerciais (PETERSON, 2010).

O reino de Silla foi o último dos três reinos a se formar, sendo o menos desenvolvido e mais frágil em seu início, devido à localização no sul da península. Era o reino que recebia menos influência chinesa, o que contribuiu de certa forma para se tornar o reino mais forte posteriormente. Silla era uma sociedade aristocrática ordenada em classes, e possuía um segmento de jovens guerreiros bem treinados de famílias tradicionais, denominados *Hwarang* (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF KOREA, 2021). Além disso ao decorrer do período de 57 a.C á 668 d.C durante a época dos três reinos “houve um grande desenvolvimento cultural e, com a reunificação, em 668, o budismo teve grande impulso, no entanto, a partir do final do século XV, o Estado começa a impor o confucionismo como ideologia dominante” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 5).

Podemos observar no mapa abaixo como era configurado o território da Península coreana durante o período dos três reinos.

FIGURA 1 - PENÍNSULA COREANA DURANTE O PERÍODO DOS TRÊS REINOS



Fonte: Ministry of Foreign Affairs of Korea (MOFA)

O reino de Silla, durante esse período, sofria constantes ataques de Baekje e então tentou uma aliança com Goguryeo, porém não obteve êxito em suas tentativas de aproximação. Então, se aliou com a dinastia Tang, da China, invadindo os reinos de Goryeo e Baekje. Após conquistar esses reinos, a dinastia Tang rompeu com Silla e tentou exercer poder sobre ela também e iniciou-se uma guerra entre as duas dinastias, com a vitória de Silla. Ela unificou a península coreana em 668. Esse período da dinastia Silla foi marcado por um grande desenvolvimento econômico e intensas trocas comerciais com os países asiáticos, principalmente com a China (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF KOREA, 2021).

Porém, o reino de Silla começara a declinar no final do século VIII em virtude de lutas internas entre sua nobreza pelo controle do reino, e, no século IX, por volta do ano de 901, surge o reino de Goryeo, nome que deu origem a atual Coreia. O confucionismo foi adotado como ideologia, introduzindo a cultura de valorização à hierarquia e respeito aos mais velhos. (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF KOREA, 2021).

O budismo também exercia grande influência na época e Goryeo obtinha uma postura tolerante a outras religiões. Durante o período de Goryeo, foi criado um sistema educacional eficaz inclusive, com a criação de uma instituição de ensino superior, a Gukjagam. Além disso, houve um rápido desenvolvimento de seu comércio exterior com países de todas as regiões do vasto continente asiático, da península árabe ao sudeste asiático, no qual negociavam tecidos, ambar, cristais, entre outras mercadorias. (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF KOREA, 2021)

Porém, a partir do século XIII, Goryeo passou a sofrer uma série de invasões dos Mongóis, uma das maiores potências militares na época durando cerca de 42 anos e, durante esse período os mongóis destruíram inúmeros locais e obras culturais, deixando Goryeo devastada e completamente enfraquecida (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF KOREA, 2021).

Visto isso, no século XIV, assumiu o trono o general Yi Seong-gye, que era um líder carismático na época, ganhou prestígio ao liderar missões para afastar

ameaças estrangeiras e foi responsável por derrubar a dinastia Goryeo e fundar o reino de Joseon, passando a ser chamado de Rei Taejo.

O quarto rei da dinastia de Joseon, Sejong, o grande, foi responsável por um período próspero e de grande desenvolvimento cultural, inclusive com a criação, em 1446, do *Hangul*, o alfabeto coreano baseado no som da pronúncia das palavras, antes da criação do hangul a língua coreana era escrita com os caracteres chineses, o que dificultava o entendimento da língua (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF KOREA, 2021). No entanto, a dinastia de Joseon sofreu “uma série de invasões dos manchus e japoneses, o que levou o país a se fechar para o mundo externo e desenvolver uma economia baseada numa massa de camponeses e escravos” (ALBUQUERQUE, 2017).

O reino de Joseon durou cerca de quinhentos anos, até que, em 1910, o Japão ocupou a península Coreana transformando em sua colônia. Esse período de colonização japonesa causou ressentimento e grande impacto na sociedade coreana até os dias atuais. O Japão proibiu os coreanos de falarem a própria língua, os obrigando a falar e mudar seus nomes para o japonês, além de que muitas mulheres coreanas foram forçadas a se prostituírem para os oficiais do exército japonês (MASIERO, 2000).

Entretanto, durante o período de invasão japonesa, houve um certo avanço econômico. Os japoneses construíram bases capitalistas, convertendo a Coreia de um país com características feudais orientado pelas classes da elite e do campo, para um capitalismo moderno, ainda que a economia em sua essência continuasse agrária. O governo japonês modificou o sistema tributário, passando para o de arrecadação em espécie em vez do antigo, o qual se valia da arrecadação de mercadoria e bens, além da criação de um código civil e um certo avanço na infraestrutura da Coreia (FRANCESCHI, 2016).

Apesar disso, segundo Mason (2017), as melhorias na infraestrutura, como a construção de ferrovias, fábricas de fertilizantes e métodos modernos de irrigação nas plantações de arroz foram realizadas a enormes custos humanos e era utilizada em sua maioria para usufruto do Japão, provocando desnutrição e uma pobreza extrema para o povo coreano.

A ocupação japonesa perdurou até 1945 na Segunda Guerra Mundial, quando o Japão se rendeu e a Coreia passou então a ser ocupada pelos Estados Unidos e pela União Soviética, sendo dividida pelo paralelo 38, seguindo a bipolaridade do Sistema Internacional na época. A Coreia do Sul seguiu o modelo capitalista e a Coreia do Norte seguiu o modelo socialista (FRANCESCHI, 2016).

Visto isso, a Coreia do Sul tornou-se oficialmente um país em 1947 quando:

A Coreia do Sul foi submetida às Nações Unidas e, em novembro do mesmo ano, a Assembleia Geral reconheceu a independência do país. Em 1948, uma comissão das Nações Unidas supervisionou a eleição da Assembléia Nacional. A recém eleita Assembléia Nacional, estabeleceu, na Coreia do Sul, a forma de governo presidencial com mandato de 4 anos (MASIERO, 2000, p. 10).

Em decorrência da Guerra Fria, e a presença de líderes nacionalistas nas duas Coreias, Kim Il-Sung estabeleceu o regime socialista da Coreia do Norte e Syng-Man Rhee foi eleito na Coreia do Sul. Os dois lados queriam a unificação da península e, conseqüentemente, a sobreposição de seu respectivo regime. Até que, em junho de 1950, a Coreia do Norte, com o apoio da URSS, lançou ataques militares, cruzando a fronteira dividida no paralelo 38, e invadiu a Coreia do Sul. O lado capitalista estava em desvantagem e a sua capital, Seul, foi destruída nos primeiros três dias de conflito. Os EUA acionaram o conselho de Segurança da ONU, intervindo na guerra e apoiando o lado capitalista. O conflito armado durou até julho de 1953, quando a Coreia do Sul e a Coreia do Norte assinaram um armistício, porém, oficialmente, as duas Coreias continuam em guerra até os dias atuais (MASIERO, 2000, p. 12). Além disso:

Essa guerra provocou enormes sofrimentos e perdas para o povo coreano pois cerca de dois milhões de militares e três milhões de civis morreram no conflito. Isso criou uma geração inteira de viúvas e órfãos, além de uma perda massiva na infraestrutura do qual a Coreia custou a se recuperar. Uma grande campanha de bombardeio aéreo iniciou com o General MacArthur no comando, ordenando a destruição de qualquer aspecto de infraestrutura e sociedade humana, até mesmo casas de aldeias na Coreia do Norte. A capital, Pyongyang, foi completamente destruída. A guerra não resolveu nada, apenas intensificou a rivalidade e a bipolaridade entre a Coreia do Sul e a do Norte (MASON, 2017, p. 305).

2.2. O modelo Capitalista Coreano

Apesar das mazelas deixadas pela guerra, a Coreia do Sul ganhou um certo impulso para a promoção de seu desenvolvimento econômico, saindo de um país com níveis de extrema pobreza e devastado pela guerra para, décadas depois, se tornar uma grande potência econômica, altamente competitiva e produzindo tecnologia de ponta. A Coreia do Sul contou com o apoio financeiro dos Estados Unidos e obteve altas taxas de crescimento econômico por décadas, como é observado na Tabela 1, abaixo (ALBUQUERQUE, 2017, p. 6):

TABELA 1 – CRESCIMENTO ECONÔMICO POR PERÍODO

Coreia do Sul	
Período	Crescimento médio
1950-1979	6,5%
1980-1989	8,8%
1990-1999	7,1%
2000-2009	4,7%
2010-2013	3,8%

Fonte: ALBUQUERQUE, 2017, p. 6.

No entanto, a Coreia do Sul, nesse período, passou por uma sequência de mudanças políticas. Em 1960, uma série de protestos e revoltas liderado pelos movimentos estudantis desestabilizou o governo presidido por Syng-Man Rhee. Para lidar com essa tensão política e continuar no poder, o governo foi alterado para um modelo parlamentarista. Chang Myon foi o Primeiro Ministro por pouco mais de um ano, até o golpe militar em 1961, liderado pelo General Park Chung Hee, cujo governo durou 18 anos, até o seu assassinato em 1979. (FRANCESCHI, 2018, p. 21)

Seu governo foi autoritário e marcado por grandes projetos de desenvolvimento econômico. o Economic Planning Board (EPB), lançado em 1961, tinha como objetivo a industrialização, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), o aumento da renda *per capita*, de exportações e de investimentos (FRANCESCHI, 2018, p. 22).

Além disso, foram formados sete planos quinquenais para o desenvolvimento econômico e social. Segundo Masiero (2000), o primeiro plano, logo no começo do governo militar de Park Chung Hee, foi de 1962 a 1966, e tinha como principal objetivo restabelecer a infraestrutura do país, garantindo o fornecimento de energia, erradicando a pobreza, adequando a balança de pagamentos e viabilizando o desenvolvimento tecnológico próprio. Para que todas essas metas fossem alcançadas, o governo investiu em fábricas de fertilizantes, fibras sintéticas e cimento, em refinarias de petróleo e em energia elétrica.

Para realizar esse feito, a Coreia do Sul adotou o método de substituição de importações. Esse processo visa aumentar a produção interna do país conforme o número de importações diminui, ou seja, um produto que antes era importado passa a ser produzido em seu próprio território. O método de substituição de importações, funciona da seguinte maneira:

I. Inicia-se com um estrangulamento externo – a queda do valor das exportações, por exemplo. Este, junto com a manutenção de pelo menos parte da demanda interna, mantendo a demanda por importações, gera escassez de divisas;

II. Para contrapor-se à crise cambial (o estrangulamento externo), o governo toma medidas, para controlar essa crise, que acabam por proteger a indústria nacional preexistente, aumentando a competitividade e a rentabilidade da produção doméstica;

III. Gera-se uma onda de investimentos nos setores substituidores de importação, produzindo-se internamente parte do que antes era importado, aumentando a renda nacional e a demanda agregada;

IV. Observa-se, no entanto, um novo estrangulamento externo, em função do próprio crescimento da demanda, que se traduz em aumento das importações e de parte dos investimentos que se transformam em matérias-primas e equipamentos importados; como em geral o ritmo do crescimento das importações é mais rápido do que o crescimento das exportações, nova crise recoloca-se, retomando-se o processo. (GREMAUD, 2017. P 379)

Segundo Dall'Acqua (1991), o primeiro plano quinquenal foi muito bem sucedido, o país teve o crescimento médio de 8,5% ao ano durante o período de 1962-1966. Porém, a dependência do capital estrangeiro crescia ao passo que a economia coreana se desenvolvia, gerando um déficit na balança comercial e essa conjuntura levou a uma redefinição dos objetivos dos planos quinquenais. Então, já no segundo plano, de 1967 a 1971, o modelo de substituição de importações foi deixado de lado e a exportação de manufaturas leves ganhou um pouco mais de destaque e entrou a industrialização voltada “para fora”, partindo justamente da necessidade do aumento do número de importações para atenuar o desequilíbrio externo. Além disso, houve um incentivo fiscal para que as empresas nacionais exportassem, um câmbio mais flexível foi adotado, promovendo suaves desvalorizações em suas taxas, e concederam-se empréstimos internacionais para grupos de empresas.

Esse grupos empresariais são denominados *Chaebols* e se tratam de grandes conglomerados liderados por grupos familiares, fornecendo um papel crucial no processo de industrialização do país e produzindo uma grande variedade de produtos em larga escala. Os *Chaebols* receberam, durante os planos quinquenais, incentivos para o seu crescimento, por isso possuem uma relação muito próxima com o governo, além da colaboração dos Estados Unidos, uma vez que era um importante parceiro comercial, adquirindo seus produtos e a cooperação japonesa na transferência de tecnologia (MASIERO, 2000, p. 17).

A execução do plano desenvolvimentista estava estreitamente relacionada à capacidade dos chaebols em responder às demandas e metas impostas pelo governo. O governo forneceria os meios e os instrumentos para execução dos planos, mas eram as grandes firmas industriais coreanas que de fato ficavam responsáveis pela produção nacional – uma vez que o governo coreano usou pouco do expediente das empresas públicas. A política industrial sul coreana, setorial e verticalizada, era em grande parte dirigida especificamente para os chaebols, levando em conta a capacidade de reação dessas empresas [...] Em 1983 a Hyundai, Samsung, Daewoo, LG, Ssangyong, SK, Hanjin, Korea Explosives, Daelim e Kukje compunham o ranking de dez maiores chaebols, em ordem por valor de ativos (FRANCESCHI, 2018, p. 57).

Visto isso, para Ibrahim (2019, p. 90), era visível que o governo tinha a intenção de desenvolver setores estratégicos para conseguir ser competitivo no mercado internacional. No segundo plano quinquenal, a Coreia teve o alto

crescimento de 9%, as exportações aumentaram cerca de 200%, com a maioria destas formadas por produtos de baixa tecnologia, começando assim um processo de seleção das indústrias que seriam mais favoráveis para o seu desenvolvimento.

O terceiro plano quinquenal foi de 1972 a 1976 e tinha como objetivo a redução da dependência externa por matérias primas, máquinas e equipamentos, e, então, a Coreia se concentrou no desenvolvimento da indústria pesada de aço e ferro, petroquímica, metais não ferrosos e na indústria de eletrônicos, fabricando assim produtos de alto valor agregado (DALL'ACQUA, 1991, p. 107). “Esse terceiro plano foi muito bem sucedido e superou as expectativas de crescimento econômico de 8,6% do PIB para 10,2%” (FRANCESCHI, 2018, p. 26). Porém, com essa rápida e alta industrialização, a dívida externa aumentou e também a disparidade em relação ao setor agrícola. Assim, o governo canalizou esforços para a criação de programas para melhorar as condições de vida das populações rurais (MASIERO, 2000, p. 14).

O Quarto Plano Quinquenal de 1977 a 1981 tinha uma meta de crescimento anual ambiciosa de 9,2%, porém, com o advento da crise do petróleo, causou um choque em sua economia, assim como em toda economia mundial. Como consequência, a sua moeda foi desvalorizada e a taxa de inflação aumentou. Com isso, o crescimento econômico diminuiu consideravelmente em relação aos períodos anteriores, a Coreia registrou uma taxa de crescimento do PIB de 4%. Porém, em comparação com as outras grandes economias, foi um crescimento alto devido o período de crise econômica mundial (CHUNG, 2017 P.14). Esse período também foi marcado pela instabilidade política que se instaurou após o assassinato do presidente Park Chung-hee, em outubro de 1979, criando um vácuo de poder. O Primeiro Ministro Choi Kyu-Ha assumiu o governo, até que um novo golpe militar, em 1980, liderado pelo General Chun Doo Hwan, foi instaurado e a Quinta República foi criada (MASIERO, 2000. P 15).

O quinto plano quinquenal, entre 1982 e 1986, tinha como objetivo combater os efeitos da crise do petróleo e promover o sistema de bem estar social. Além disso, as indústrias de tecnologia e informação tiveram maior ênfase.

Em 1987, uma onda de protestos contra o governo militar e a favor da democratização, pelo respeito aos Direitos Humanos e contra as grandes

concentrações de renda fez com que o país passasse por reformas, o que rendeu uma nova constituição e eleições diretas para presidente.

Em dezembro do mesmo ano, o candidato Roh Tae Woo, do mesmo partido de Chun Doo Hwan, venceu com apenas 36% dos votos, o que causou tumulto e o fechamento da Assembleia Nacional. Para amenizar a situação, o presidente eleito criou reformas para aumentar a justiça e diminuir a concentração de poder nos *Chaebols* (MASIERO, 2000. P 18).

O sexto (1987-1991) e o sétimo (1991-1996) Planos quinquenais apresentaram um quebra no sistema econômico protecionista que a Coreia vinha adotando nas últimas décadas, passando para uma liberalização da economia. Diversas empresas estatais, como a Pohang Iron & Steel, foram privatizadas, porém o Estado se manteve como acionista majoritário. Também houve novas relações trabalhistas e uma consolidação da democracia (FRANCESCHI, 2018. p 29). Além disso

A economia sul-coreana passou por altos e baixos entre 1981 e 1996, mas finalmente fez um retorno que foi em grande parte atribuível aos Jogos Olímpicos de 1988 e ao fluxo estrondoso de exportações que se seguiram. O Acordo Plaza de setembro de 1986, sob o qual cinco grandes economias concordaram em reduzir o dólar americano, em parte contribuiu para o boom de exportação sem precedentes. Como as avaliações do won coreano estavam estreitamente atreladas ao dólar, a desvalorização do dólar tornou os produtos de exportação coreanos atraentes no mercado global. O crescimento também acelerou fortemente devido à forte demanda por semicondutores e ao fortalecimento do iene japonês. As exportações da Coreia do Sul dobraram entre 1985 e 1988, levando o país de forma segura e constante ao ranking das 12 maiores nações comerciais do mundo. (CHUNG, 2017 P 15)

2.3. A crise econômica de 1997 e a Onda Coreana.

Em 1997, estourou uma séria crise econômica, atingindo os países do leste asiático, e principalmente a Coreia do Sul. Essa crise possui magnitudes comparáveis à crise de 1929. Para Minsky (1986) a abertura da economia nos dois últimos planos quinquenais atraiu o olhar dos bancos, fundos e investidores estrangeiros, captando recursos em moedas estrangeiras rapidamente, o que acabou formando bolhas especulativas. Consequentemente, os investidores,

observando certas fragilidades econômicas e que não teriam o retorno esperado, removeram o capital investido e provocaram uma crise econômica e a desvalorização da moeda (GUIMARÃES, 2010).

O governo sul coreano buscou uma saída diferente para a crise econômica, decidindo procurar novos mercados e, então, investiu milhões de dólares no Ministério da Cultura, criando um departamento focado em K-Pop. A exportação de seus produtos culturais, inicialmente para os seus vizinhos asiáticos, foi um novo impulsionador econômico e um suporte para a criação de uma marca nacional atraente, um instrumento de *Soft Power*.

Essa estratégia de *Soft Power* foi inspirada nos EUA, pois desejava-se que a cultura coreana fosse tão desejada e consumida quando a cultura estadunidense (BARDEN, 2019).

O Presidente que serviu durante o período de 1998 a 2003, Kim Dae-Jung, continuou investindo nas empresas de alta tecnologia e também na indústria do entretenimento. Novamente a Coreia obteve êxito em seus investimentos e, anos depois, a Samsung e a LG se tornaram duas das maiores empresas no ramo tecnológico. O governo sul coreano também investiu cerca de 1 bilhão de won em gravadoras para que recrutasse e treinasse jovens talentos para depois os lançarem para o público, garantindo artistas de alta performance e com maior probabilidade de adesão do público.

No ano de 2012, as três maiores empresas desse ramo, a SM Entertainment, JYP Entertainment e YG Entertainment, segundo a revista Times arrecadaram US\$ 3,4 Bilhões em exportação só com o K-Pop (BALLERINI, 2017, p. 151-152).

A partir disso, se inicia a chamada *Hallyu* ou onda coreana, termo cunhado pela mídia chinesa para descrever o sucesso do mercado de entretenimento coreano nos países asiáticos, principalmente na China (HYUN-KEY et al., 2013). Diante disso, para Roxburgh (2018), a popularidade da '*Hallyu*', representa um fenômeno pós-moderno, uma reinvenção do pequeno país asiático por meio da exportação de sua música, TV, produtos de beleza, alimentos e tecnologia, que ganharam popularidade sem precedentes em todo o continente e além.

Diversos autores dividem a *Hallyu* em duas fases: A primeira tem um impacto regional em países próximos geográfica e culturalmente, como China, Japão e Taiwan, que começam a ser atraídos por suas novelas, as chamadas K-dramas. Já na segunda fase, a sua cultura se expande mundialmente com a sua música, o K-Pop e consegue chamar a atenção do público de países ocidentais (KYUNG KIM et al. 2016).

A *Hallyu* 1.0, como caracteriza YONG-JIN (2012), popularizou as novelas *What is Love All About* (1997), *Stars in My Heart* (1997) e *Winter Sonata* (2002) em países como China e Japão, ajudando a aproximar suas relações após os acontecimentos no século XX, como a colonização e a guerra das Coreias além de que a China é possui um mercado cultural difícil de penetrar por causa de seu modelo econômico. Esse *boom* na popularidade das novelas coreanas fez o número de exportações de programas de televisão aumentar exponencialmente, indo de 5,5 milhões de dólares em 1995 para 150,9 milhões em 2007. A exportação de filmes também cresceu nesse período, foi de 7 milhões de dólares para 13,5 milhões em 2010.

A *Hallyu* 2.0 foi mais focada na música coreana e também nos jogos digitais. As redes sociais já se faziam presentes e foram cruciais para a difusão da cultura coreana pelo mundo devido ao engajamento dos fãs, deixando o regionalismo asiático e partindo para o alcance global da *hallyu*. No ano de 2010, a Coreia exportou cerca de 1,6 bilhão de dólares em jogos digitais e teve o ganho de 80.9 milhões de dólares em música (YONG-JIN, 2012). Porém, o K-Pop não parou por aí pois segundo o instituto Hyundai, a principal banda coreana atualmente, a *Bangtan Sonyeondan* (BTS), gera, por ano, uma receita de aproximadamente 3,6 bilhões de dólares à Coreia, sendo um ativo econômico importante para o país (BASSO, 2020).

O *Korean Pop*, ou K-Pop começou a ter notoriedade no cenário musical internacional em 2012, após o sucesso da música Gangnam Style, do *rapper* Psy, passando a ser o primeiro vídeo a receber 1 bilhão de visualizações no *YouTube*, e, desde então, outros artistas e grupos musicais, como o BTS e BLACKPINK, conquistaram o mercado mundial emplacando *hits* nas mais importantes paradas musicais dos EUA. Além disso, o estilo musical chama a atenção por suas

coreografias complexas, músicas com batidas e letras animadas, vídeo clipes bem produzidos e artistas com um estilo jovial portando figurinos autênticos (BRAGA, 2019).

O turismo no país também colheu os frutos da *Hallyu*, o número de estrangeiro que visitam a Coreia aumentou, passando de 300 mil, em 1998, para 11,8 milhões. Esse tipo de visitação é o chamado turismo cinematográfico, que é quando o país recebe visitantes que são influenciados por alguma obra cinematográfica que se passa em seu território.

Um exemplo é que após o sucesso no Japão do K-drama *Winter sonata*, em 2004, o número de turistas provenientes de lá cresceu 34% em comparação ao ano anterior e, de acordo com uma pesquisa realizada pela Organização de Turismo da Coreia (KTO), 47% dos turistas visitaram a Coreia por causa da novela (BAE, et al., 2017, p. 3-4. Tradução nossa).

Esse fenômeno também acontece por causa do K-Pop, pois, de acordo um levantamento feito em 2018 pelo centro de pesquisas Hyundai, cerca de 7% dos turistas visitaram a Coreia por causa do BTS (BASSO, 2020).

O cinema sul coreano é outro produto da *Hallyu* que recebeu grande investimento estatal. O gatilho para que o governo observasse a importância de se ter uma indústria cinematográfica forte veio em 1994, após o filme *Jurassic Park* ocupar todas as salas de cinema por três meses ou seja, nenhum outro filme estava sendo exibido além dele e isso chamou a atenção, pois o lucro de Hollywood com apenas um filme na Coreia do Sul era equivalente à exportação de 1,5 milhões de carros Hyundai. Com isso, o governo aprovou a Lei do Audiovisual sul-coreana em 1995, apelidada de “Learning from Hollywood”, onde estabelecia uma cota de filmes nacionais nos cinemas de 73 dias por ano e a TV deveria ter 80% da sua programação ocupadas por produções nacionais, além do investimento para a produção dessas obras, financiando produtoras e festivais de cinemas (RUFINO, 2018).

Em consequência disso, os sul coreanos conseguiram, em 20 anos, pular de 2,1% de participação no próprio mercado cinematográfico, em 1994, para 57%, em 2014, o que demonstra o sucesso de uma política pública eficiente (RUFINO, 2018).

Além disso, os sul coreanos conseguiram um feito histórico em 2020, pois, em 92 edições do Oscars, nunca um filme estrangeiro havia recebido o prêmio de melhor filme, e a obra “Parasita”, de Bong Joon-ho, além de garantir a estatueta de uma das categorias mais importantes, venceu a de melhor diretor, melhor roteiro original, melhor filme estrangeiro, melhor montagem e melhor direção de arte (BASSO, 2020).

A *Hallyu*, além dos ganhos econômicos, também vem sendo um importante instrumento de *Soft Power* para a Coreia do Sul, na visão de Nye (2009). A cultura coreana é atraente especialmente aos olhos dos jovens em países vizinhos, mas até mesmo nos Estados Unidos já alcançam um sucesso notável. A Coreia do Sul tem os recursos necessários para ser uma potência cultural e seu *Soft Power* não é limitado a sua restrição geográfica vizinho de potências como China, Rússia e Japão. A Coreia do Sul começou a desenhar uma política externa que lhe permitiria desempenhar um papel mais importante nas instituições e redes internacionais vitais para a governança global (NYE, 2009. Tradução Livre).

CAPÍTULO III – EFEITOS DO *HALLYU* NA POLÍTICA EXTERNA SUL COREANA E IMPLICAÇÕES ACERCA DO PENSAMENTO REALISTA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O último capítulo desta monografia é dedicado a apresentar casos práticos de como a *Hallyu* implicou diretamente em assuntos de política externa e interna da Coreia do Sul, além de demonstrar o impacto das mídias nas Relações Internacionais a fim de fazer um contraponto à teoria Realista.

3.1 Caso Terminal High Altitude Area Defense (THAAD) e a *Hallyu* na China

Para Mazur, (2021, p. 180) a amistosa relação sino-coreana foi essencial para o desenvolvimento da *Hallyu* na Ásia e, conseqüentemente, tornou-se um fenômeno transnacional. A China foi uns dos primeiros mercados a importar os produtos culturais da Coreia do Sul e se consolidou como um parceiro comercial importante, principalmente pelo seu amplo público consumidor de mais de um bilhão de pessoas.

Esse sucesso da *hallyu* no território chinês, principalmente das novelas coreanas proeminentes da primeira fase da *hallyu* nos anos 1990, se deu por causa da proximidade cultural entre as duas nações, onde os K-dramas se tornaram uma opção mais segura do que os produtos ocidentais.(MAZUR, 2021)

O drama coreano “*What Love is All About*”, transmitido em 1997, pela maior emissora de televisão estatal chinesa, a China Central Television (CCTV), foi classificada como a segunda novela mais assistida na história da televisão chinesa e, nos anos 2000, cerca 24 dramas coreanos foram transmitidos na televisão chinesa, o que exemplifica o grande sucesso desse produto cultural no território chinês. (JI-EUN KIM, 2010)

Porém, nos anos seguintes houve uma crescente onda anti-*hallyu* dentro da China e, em 2006, o Partido Comunista Chinês (PCC) limitou pela metade o número de novelas sul-coreanas que poderiam ser exibidas na televisão chinesa, o que fez com que a Coreia reduzisse sua receita em exportação de produtos da *Hallyu* de

101,6 milhões de dólares para 85,9 milhões. Entretanto, os fãs chineses dos K-dramas, ao invés de assistirem pela televisão, procuraram outros meios, como os sites de compartilhamento de vídeos, onde o acesso às novelas e outros programas de televisão é facilitado, fazendo com que a Coreia não perdesse o grande público chinês. (JI-EUN KIM, 2010)

O PCC se posicionou em alerta à crescente exposição dos chineses à *hallyu*, pois considerou que causaria uma confusão ideológica, uma vez que os produtos culturais estrangeiros estimulam uma cultura materialista e concentrada no prazer. Além disso, na visão do governo, o povo chinês deve absorver a cultura estrangeira atentando-se para as suas necessidades reais, e não interferindo no seu modelo de vida socialista (JI-EUN KIM, 2010).

Apesar disso, a China segue sendo a maior parceira comercial da Coreia do Sul, recebendo quase 40% dos investimentos coreanos em países estrangeiros, o que acaba causando uma dependência comercial da Coreia do Sul com a China. Devido a essa relação comercial, os dois países assinaram, em 2014, o Acordo de Livre Comércio China-Coreia do Sul (CSKFTA). No entanto, esse acordo foi ofuscado pela China alguns anos depois, devido às sanções aplicadas à Coreia do Sul no caso THAAD (YANG, 2019).

Em 2017, a Coreia do Sul, em parceria com o Departamento de Defesa dos EUA, decidiram instalar o “Terminal High Altitude Area Defense (THAAD), que se trata de um sistema de defesa antimísseis projetado para interceptar e destruir rapidamente mísseis balísticos dentro ou fora da atmosfera durante sua fase final de voo” (BARDEN, 2019, p. 51. Tradução Livre).

A instalação desse sistema foi motivada após a realização dos testes de mísseis de longo alcance e armas nucleares na Coreia do Norte, o que causou preocupação pelo fato de que a Coreia do Sul e Coreia do Norte ainda estarem oficialmente em guerra (LIM, 2021).

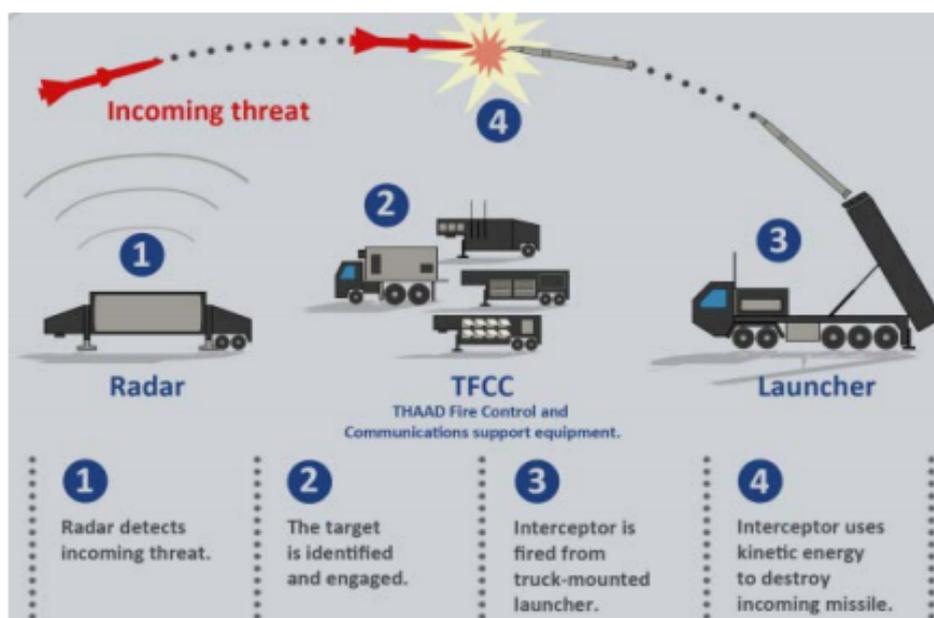
O THAAD funciona da seguinte forma:

O sistema consegue interceptar mísseis balísticos de curto e médio alcance a até 200 quilômetros de distância e até 150 quilômetros de altitude conforme eles descem para seu alvo, e é muito superior a outros mísseis situados em terra e sistemas de defesa já implantados na Coreia do Sul. Uma única bateria THAAD geralmente consiste de seis a nove lançadores

montados em caminhões, 48 a 72 interceptores, uma unidade de controle de fogo e comunicações e um radar AN / TPY-2 de banda X. De acordo com a maioria das estimativas, o radar de banda X do THAAD tem um alcance de até aproximadamente 2.000 quilômetros em "modo avançado" que atinge a maior parte da metade oriental da China a partir do local de implantação no condado sudeste de Seongju, Província de Gyeongsang do Norte, Coreia do Sul. (MEICK; SALIDJANOVA, 2017. Tradução Livre)

A figura abaixo ilustra como é o funcionamento do sistema antimísseis THAAD de moto prático:

FIGURA 2 – FUNCIONAMENTO DO SISTEMA ANTIMÍSSEIS THAAD



Fonte: MEICK; SALIDJANOVA, 2017.

Diante disso, para Miura (2019, p. 12. Tradução livre), a China não aprovou a implantação desse sistema no território sul-coreano pois observou essa ação como uma ameaça à sua segurança e de sua posição hegemônica na região, dado que esta foi uma parceria com o governo estadunidense e poderia abrir precedentes para a implementação de outros sistemas antimísseis em países aliados, como em Taiwan e Japão. Além disso, o sistema THAAD possui um radar de reconhecimento que alcança além do necessário para sua defesa contra a Coreia do Norte, o que poderia ser usado para outras finalidades, como detectar movimentos de armas estratégicas e coletar inteligência dentro do território chinês.

Em consequência, a China adotou medidas informais de retaliação econômica em setores específicos da Coreia do Sul. Seu *Soft Power* voltou a ser

alvo do governo chinês, uma vez que, após o anúncio do THAAD ,shows de grupos de K-Pop foram cancelados na China, as novelas e outros programas de entretenimento foram tirados do ar e, quando os artistas coreanos apareciam na TV chinesa, seus rostos eram borrados, o que acarretou em uma grande queda no valor das ações das empresas do setor.(Miura 2019, p. 14. Tradução livre)

Porém, como não foi uma medida oficial do governo, a China negou que tenha articulado sanções sobre os produtos culturais sul-coreanos e emitiu uma nota justificando que o motivos dessas interrupções seria o crescimento do sentimento anti-coreano no país. Entretanto, a mídia coreana desmentiu, informando que Administração Estatal de Imprensa, Publicações, Rádio, Cinema e Televisão chinesa emitiu uma declaração informal proibindo o conteúdo coreano na TV chinesa e restringindo a cooperação com empresas de entretenimento coreanas (YANG, 2019, P. 11. Tradução livre).

Outro setor afetado foi o de turismo, uma vez que as agências de viagens chinesas também receberam recomendações para suspender as vendas de viagens para à Coreia do Sul. Mesmo com a suspensão das agências de viagens, os turistas podiam organizar suas viagens de forma independente, pois, assim como a retaliação do setor de entretenimento, essa medida era informal. Porém, ela impactou significativamente, visto que as visitas de chineses em 2017 diminuíram 48,3% em comparação com o ano anterior (LIM, 2021).

A multinacional sul coreana Lotte cedeu suas terras ao governo para a instalação do THAAD e, com isso, também sofreu retaliação por parte do governo chinês. Foram fechadas 74 lojas sob as alegações de falta de funções adequadas de seus sistemas de prevenção a incêndios e ausência de saídas de segurança em seus prédios. A empresa negou as irregularidades alegadas contra as suas lojas e apresentou dificuldades na resolução das mesmas perante as autoridades chinesas, o que indica que foi uma medida política por parte da China sobre a Lotte Mart (LIM, 2021).

Entretanto, antes das retaliações sobre a implementação do THAAD, a China buscou uma aproximação diplomática e até mesmo pessoal entre o Presidente Xi Jinping com a Presidente coreana Park Geun-hye, a fim de que os coreanos

avaliassem a sua decisão de instalação do THAAD. Foram organizadas visitas a cidades históricas e também a participação da Presidente sul coreana no desfile de aniversário da segunda guerra mundial da China, em 2015, sendo a única representante de uma democracia no evento. A sua presença e ausência do líder norte coreano apontou uma posição da China sobre as duas coreias e seu real interesse na aproximação. Porém, mesmo assim, a Coreia seguiu com a sua decisão perante o THAAD e a China reagiu com diversas restrições e abalando suas relações diplomáticas. Os dois países só voltaram a ter relações depois do impeachment da presidente coreana Park Geun-hye, por seu opositor Moon Jae-in, que prometeu revisar a decisão de implantar o THAAD (MIURA, 2019, P. 12-14. Tradução livre).

Segundo o levantamento feito pelo Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia do Sul, 35,3% das empresas sul coreanas registraram queda em seus lucros devido o THAAD. As maiores montadoras de veículos do país, KIA e Hyundai, declararam que suas vendas para a China caíram 52% em março de 2017 (PRATAMASARI et al., 2018, P. 231).

As empresas do setor de entretenimento notoriamente foram a que mais sofreram o impacto do THAAD por ser um setor estratégico devido a sua característica superavitária e seu grande sucesso na China, além de ser uma ferramenta de *Soft Power* da Coreia do Sul. O setor registrou queda de 54 milhões de dólares (HERMAN, 2018).

Com isso, os empresários sul coreanos do setor cultural visaram expandir seus mercados, até mesmo para evitar uma maior dependência comercial com a China e novas retaliações:

O K-pop por sua vez, está se concentrando em outros mercados, incluindo Japão , Estados Unidos e Oriente Médio, à medida que os interesses políticos e chineses continuam a moldar o estado do Frágil, mas extremamente impactante, relação sino-coreana em relação ao conteúdo cultura (HERMAN, 2018).

Ademais, para Barden (2019) o fato de a Coreia do Sul ser uma democracia liberal forneceu um contraponto às iniciativas chinesas de *Soft Power*, pois, mesmo que a China seja uma nação milenar e com uma cultura rica, o *Soft Power* depende

da liberdade de expressão e imprensa para que seja atraente aos olhos estrangeiros. Assim, apesar dos esforços para promover produtos culturais criados pelo Estado chinês, o consumo de produtos da cultura pop sul-coreana é generalizado e constante em seu território e, mesmo a proibição das importações culturais coreanas por causa da disputa do THAAD pouco fez para desacelerar a demanda desse mercado por parte dos fãs chineses.

3.2 Implicações da cultura pop sul coreana em sua Política Externa e Doméstica

A Coreia do Sul também utiliza a sua cultura como uma forma de atrair seus vizinhos Norte Coreanos. Ela instalou cerca de 11 sistemas de alto-falantes nas Zonas desmilitarizadas (DMZ) fronteiras com a Coreia do Norte para transmitirem notícias da Coreia do Sul e do mundo, propagandas contra o regime norte coreano e músicas sul coreanas (K-Pop). Esses sistemas de alto-falante emitem sons que podem ser ouvidos a 10 km de distância de dia e 24 km à noite. Eles foram utilizados desde o final da década de 1960 até 2004, quando ficaram inativos por 11 anos. Porém, em 2015, a Coreia do Sul religou os altos falantes e, nesta mesma época, começou a contrabandear *flashdrives* e cartões SD contendo filmes, notícias e vídeos de K-pop através de balões e drones na fronteira, o que aumenta sua influência dentro da Coreia do Norte (PICCININI, 2019, p. 4).

Além disso os conteúdos de mídia sul coreanos também são contrabandeados na fronteira da China com a Coreia do Norte e essa popularidade dos conteúdos culturais sul coreanos influenciam nos preços das moradias na Coreia do Norte, pois os distritos onde pegam o sinal de tv sul coreanos são, em média, mais caros. Ademais, desde o estabelecimento da lei sul coreana de apoio aos desertores norte coreanos, em 1997, cerca de 1000 norte-coreanos migram para Coreia do Sul a cada ano e, em março de 2017, esse número chegou a 30.490, sendo que 80% dos desertores norte coreanos são mulheres de vinte a trinta anos (CHUNG, 2018, p. 5).

Em 2017, houve um aumento de tensão entre as duas Coreias devido os testes de mísseis promovido pela Coreia do Norte e, a Coreia do Sul, por meio de sua diplomacia cultural, enviou uma delegação de artistas de K-Pop para se apresentarem na capital norte coreana, Pyongyang, incluindo a popular *girl band* Red Velvet. As apresentações aconteceram no Grande Teatro do Leste de Pyongyang, com capacidade para 1,5 mil pessoas, e contou com a presença do líder norte coreano Kim Jong-un, que assistiu ao espetáculo ao lado do ministro da Cultura sul-coreano, Do Jong-whan, marcando uma importante aproximação entre as duas nações. No mesmo ano, os chefes de Estado das duas Coreias promoveram um encontro histórico alimentando a esperança do encerramento formal da guerra da Coreia (BBC, 2018b).

Porém, a cultura pop coreana voltou a ser vista como uma ameaça ao regime totalitário norte coreano e, em recentes declarações, Kim Jong-un declarou que os produtos culturais sul coreanos são um "câncer vicioso", corrompendo "trajes, penteados, discursos, comportamentos" dos jovens norte-coreanos. Sua mídia estatal advertiu que, se não fosse controlada, faria a Coreia do Norte "desmoronar como uma parede úmida" (CHOE, 2021).

Isso deu-se porque o aumento dos contrabandos de produtos culturais estrangeiros acabou por influenciar os jovens a não se submeterem ao regime totalitário norte coreano, colocando-o em risco e, segundo Jung Kwang-il, desertor e diretor de uma rede de contrabando de K-pop para a coreia do Norte, "os jovens norte-coreanos acham que não devem nada a Kim Jong-un" e, por mais que o governo promova uma propaganda negativa da Coreia do Sul, o público que têm acesso aos K-damas e K-Pop perceberam que o modo de vida capitalista no país vizinho permite uma abundância e liberdade maiores, como por exemplo, enquanto eles se contentam com o mínimo para comer, as pessoas no Sul faziam dietas para perder peso (CHOE, 2021).

Em consonância,

À medida que "Hallyu" ou "Onda coreana" se prolifera a proliferar na Coreia do Norte, as áreas sociais que ela influencia também continuam a crescer em número e escala. Os norte coreanos que assistem a dramas naturalmente se interessam pelos produtos que veem. Por sua vez, cresce o número de pessoas que adquirem e contrabandeam produtos

sul-coreanos através da China para o uso próprio ou com objetivo de comercializá-los. Atualmente, dizem fontes dentro do país, os produtos sul-coreanos se tornaram presentes de casamento populares; alguns consumidores até procuram produtos sul-coreanos quando saem para comprar produtos de uso diário [...] Com isso o número de residentes que passaram a ver o reinado de Kim Jong Un como problemático se multiplicou (DAILY NK, 2016).

Visto isso, a Coreia do Norte adotou leis rígidas para barrar o acesso de sua população ao conteúdo cultural sul coreano, a nova lei promulgada em dezembro de 2020 prevê de cinco a quinze em campos de trabalho forçado para aqueles que têm posse de produtos da *hallyu*. Quem falar gírias, escrever ou cantar músicas sul coreanas pod receber a pena de 2 anos e os traficantes que colocarem esse material dentro do seu território podem ser condenados a pena de morte (CHOE, 2021).

Outro caso em que elementos relacionados à mídia e cultura impactou a política doméstica foi a discussão acerca do serviço militar obrigatório no país, pois, como a Coreia do Sul ainda está oficialmente em guerra com a Coreia do Norte, todos os homens fisicamente aptos entre 18 e 28 anos precisam servir nas Forças Armadas por dois anos, porém o parlamento coreano concebeu uma emenda à lei do serviço militar obrigatório e "um artista da cultura pop recomendado pelo Ministro da Cultura, Esportes e Turismo para melhorar muito a imagem da Coreia tanto dentro do país como em todo o mundo tem permissão para adiar o serviço até os 30 anos" (BBC, 2020).

Essa discussão acerca do serviço militar obrigatório começou quando:

A presença institucional no mundo do K-pop ganhou importância em 2018, através de um apelo público no qual pediu ao governo que isentasse os ídolos desse segmento do serviço militar obrigatório, pois atrapalha a carreira de grupos de K-Pop, dado que os artistas estão no auge da carreira normalmente na faixa dos 20 anos de idade, justamente a idade obrigatória para se alistar, entre eles BTS acabou perdendo seus membros temporariamente. [...] Nesse caso, a interferência governamental ou intercessão em particular em espaço cultural artístico pode ser entendido como diplomacia cultural. (BRAGA, 2019, p. 82).

3.3 A mídia nas Relações Internacionais

Como vimos, a mídia exerce um papel importante no Sistema Internacional, como o poder de influenciar e aproximar ou ameaçar a legitimidade de outros regimes como vimos nos casos práticos do *Soft Power* sul coreano. Porém, muito por influência do protagonismo da corrente realista das Relações Internacionais, ainda se tem a visão do *Hard Power* e assuntos de segurança e defesa como o pilar principal das decisões dos Estados e estudo da academia, colocando os assuntos relacionados à cultura, mídia e *Soft Power* em geral como meros coadjuvantes (MARINUCCI, 2008, p. 45).

Além disso, a política mundial e a luta pelo poder se encontram cada vez mais interligadas entre os demais Estados devido à globalização. O *Hard Power* não é o único poder capaz de influenciar decisões estatais, não é suficiente para atrair os formuladores de política mundial e, com isso, os poderes coercitivos têm que cada vez mais dividir espaço com os poderes mais intangíveis e sedutores. Mas, para que esses recursos sejam bem aproveitados, os atores têm que equilibrar a balança de poder ao seu favor para que ascenda ou se mantenha como uma hegemonia tanto cultural como econômica (MARTINELLI, 2016, p. 65).

Keohane e Nye formularam a teoria da interdependência complexa na década de 1970, com o livro “Poder e Interdependência: A política mundial em transição”, onde se tem a visão de que o poder internacional não é uma questão somente de segurança dos Estado, como é pensada na teoria realista, ele possui várias dimensões (CADEMARTORI; SANTOS, 2016). Além disso, o papel de outros atores além do Estado no Sistema internacional como Empresas multinacionais e outros elementos não estatais vêm se destacando mais, principalmente em assuntos ligados à economia, como foi possível observar no caso THAAD.

A interdependência na visão de Keohane e Nye (2001) são determinadas situações nas quais diferentes atores de um sistema são afetados mutuamente, criando uma rede de dependência entre eles. Além disso, os autores definem o conceito de interdependência baseados em três características principais:

A primeira afirma que existem múltiplos canais nos quais a sociedade se conecta, sendo eles interestatais, transnacionais e transgovernamentais, ou seja, independente do ator, será sempre uma ação de múltiplos canais.

A segunda característica da interdependência Complexa é a agenda baseada na segurança nacional e poderio militar não necessariamente sendo a questão principal de interesse do Estado, o que vai depender dos objetivos de cada Estado individualmente.

A terceira característica refere-se à não execução do uso da força militar a outro ator quando exista uma relação de mútua dependência, como, por exemplo, no caso da China e Coreia do Sul, onde a disputa foi resolvida por outros meios e não pelo uso da força (MARTINELLI, 2016, p. 67).

Além disso, para a visão crítica de Robert Cox (1996) a corrente realista das Relações Internacionais é conservadora, pois ela não abre espaço para os processos de mudança do Sistema Internacional e encara a sua perspectiva como uma realidade universal e imutável, com a aplicação passível a qualquer contexto histórico. É perceptível a natureza conservadora do realismo quando ele resume o Sistema Internacional em um pequeno número de Estados poderosos que dominam outros Estados menos poderosos, ou seja, o Sistema Internacional parte da lógica de que é de sua natureza que haja o domínio de atores mais poderosos sobre os outros e acaba por limitar a mudança da estrutura anárquica desse sistema (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Cox (1996) sintetiza, então, três suposições do realismo: A primeira é que a natureza humana é egoísta, no sentido hobbesiano de guerra contra todos, a segunda é de que os Estados buscam, a todo custo, maximizar seu poder e garantir sua segurança. A terceira é que o Sistema Internacional é naturalmente anárquico, conflituoso e imutável, ou seja, ele sempre será assim e não há como mudarmos sua estrutura. Cox (1996), então, critica essa visão, pois, para ele, essa ordem social é suscetível a mudanças e os Estados não são governados por uma natureza, mas sim por ações humanas, a qual sofre constantes mudanças (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Visto isso, para Nye (2004), nações bem sucedidas necessitam da combinação de *Hard* e *Soft Power* para moldar as preferências dos outros a longo prazo, ou seja, tanto a mídia quanto o exército e a economia são importantes para que o Estado mantenha e expanda seu *status quo*. Enquanto o *Hard Power* representa o uso da força ou do dinheiro para persuadir os outros, o *Soft Power* influencia a opinião pública e legitima as ações dos Estados que a possuem (CHUNG, 2018).

Com isso, o investimento estatal da Coreia do Sul em produtos da sua indústria de entretenimento fez com que ela desenvolvesse sua economia, saindo de uma crise econômica nos anos 1997 e também espalhasse sua cultura pelo mundo, tornando-se um país mais atrativo na opinião pública internacional. Tal ação a fez se diferenciar de sua “irmã” Coreia do Norte, por exemplo, onde concentra esforços muito mais em *Hard Power*, como o desenvolvimento de mísseis de longo alcance e não possui um poder atrativo no cenário internacional.

CONCLUSÃO

Após o fatídico atentado de 11 de Setembro contra os EUA, tornou-se notória a necessidade de se desenvolver agendas para além do poder bélico dos Estados, uma vez que o evento marcou uma nova era no Sistema Internacional, transitando de um curto período de unilateralismo pós queda do Muro de Berlim e fim da bipolaridade entre seus atores, para um modelo multilateral onde os EUA passou a ter que dividir sua hegemonia da geopolítica com outros players internacionais. Além disso, na visão do Embaixador Celso Amorim, o excesso de militarismo e as ações para manutenção do status quo estadunidense, o *"ius imperium"*, é a raiz do declínio hegemônico americano exercido pelo poderio militar para o poder brando, o *"Soft Power"*.

Ademais, o século XXI trouxe uma nova dinâmica entre os Estados, devido à rapidez da propagação de informações em um mundo cada vez mais interdependente e globalizado, no qual a presença de novos *players* se torna mais evidente. Os Estados têm, progressivamente, empregando outros meios para exercerem o seu poder, uma vez que a belicidade não possui a mesma capacidade de atração quanto o discurso, além de que reduz a habilidade de cooperação e não traz ganhos mútuos para os atores do Sistema Internacional.

Ribeiro (2011, p. 24) destaca que países desenvolvidos usam a sua cultura para tirar vantagens, mesmo que não tenham objetivos claros. Esses Estados criam uma imagem atraente por meio destas e as interligam com sua diplomacia, seja ela política, econômica, comercial ou técnica, de modo que desenvolvam suas ligações culturais, nas quais são usadas como um meio para a circulação de suas ideias, produtos e formação de alianças. Além disso, a depender da abertura dos outros países para os produtos culturais, as ideologias, costumes, línguas e produtos nacionais conseguem penetrar na sociedade estrangeira e modificar, mesmo que minimamente, seus hábitos e ideias.

A Coreia do Sul, por sua vez, demonstrou que é possível que um Estado projete seu poder por outros meios, com um *Hard Power* não tão forte quanto o seu *Soft Power*. Os sul-coreanos vêm se consolidando como uma potência cultural,

construindo uma imagem positiva no cenário internacional. A diversidade de produtos culturais da *Hallyu*, como os K-dramas, K-Pop, moda, games, produtos de beleza e tecnologia, foram capazes de influenciar até mesmo uma parcela da população norte coreana a mudar sua visão de mundo. Tendo em vista que a Coreia do Norte é uma nação fechada, isso representa uma vitória do *Soft Power* sul coreano e, na visão de Nye (2009), a Coreia do Sul começou a desenhar uma política externa que lhe permitiria desempenhar um papel mais importante nas instituições e redes internacionais vitais para a governança global.

Porém, o *Soft Power* apresenta certas limitações, como observado no caso THAAD e, por mais que a Onda Coreana fizesse sucesso com o público chinês, o governo central da China retaliou a Coreia do Sul, proibindo, extraoficialmente, seus produtos culturais, em vista de uma ameaça a sua segurança nacional. Tal ato acarretou um grande prejuízo econômico para as empresas do setor naquele período, tendo em vista que há uma dependência econômica da Coreia do Sul em relação à China.

Em contrapartida, para Ballerini (2017, p. 152), ainda que o desenvolvimento do *Hard Power* chinês, sobretudo o militar e econômico, contribua para a sua ascensão como novo *hegemon* no sistema internacional, ela não possui capacidade de atração como a Coreia do Sul, pois por não ser uma democracia liberal, possuindo pouca liberdade de expressão. Assim, não há espaço para que floresça *um Soft Power* para melhorar sua imagem no cenário internacional. Ademais, o fanatismo da população chinesa com a *hallyu* mostra uma falta de auto estima cultural, pois se prefere os produtos estrangeiros ao invés do nacional.

Vale ressaltar, ainda, que os resultados dos investimentos de um Estado em *Soft Power* demoram a aparecer, devem ser encarados como uma política de Estado para se tornar uma potência cultural a longo prazo, no caso sul coreano o governo criou políticas públicas para o desenvolvimento de seu setor cultural no final dos anos 1990 e vem colhendo os frutos de seu trabalho recentemente, ainda tendo muito o que expandir.

Além disso, o modelo de desenvolvimento cultural apresentado pela Coreia do Sul é fascinante, pois o país conseguiu driblar uma crise econômica, obtendo

crecimentos em sua indústria cinematográfica, música, turística e tecnológica. Além disso, foi capaz de criar uma imagem positiva internacionalmente. O fenômeno do *Hallyu* serve como um modelo de inspiração para outros Estados, como o Brasil, o qual possui uma indústria cultural diversa e de boa qualidade, existindo a possibilidade de projeção internacional, aumentando o volume de exportação e modificando o modo de como é percebido no Sistema Internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Alexandre Black de. Coreia do Sul e Taiwan: Uma história comparada do pós-guerra. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 12, 2017, Niterói. **Anais...** Niterói, 2017. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/7%20Coreia%20do%20Sul%20e%20Taiwan.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2021.

ALENCAR, Fernando B.; NUNES, Lucas F. Susan Strange: Poder Estrutural E Hierarquia Monetária, Uma Breve Discussão. **Revista de Geopolítica**, v. 9, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/203>>. Acesso em: 26 set. 2021.

BALLERINI, Franthiesco. **Poder suave (Soft Power)**. São Paulo: Summus. 2017

BARDEN, James. **A Superpower Between Superpowers: How Post-Cold War South Korea Leveraged Pop Culture Into Soft Power**. 2019. Tese (Master of Liberal Arts) – Harvard Extension School. Disponível em: <<https://dash.harvard.edu/handle/1/42004231>>. Acesso em: 26 set. 2021.

BASSO, Murilo. De Parasita a K-Pop: a bilionária ‘onda coreana’: Como o investimento da Coreia do Sul no setor cultural de entretenimento alavancou a economia e a diplomacia do país. **Estadão E-investidor**, [S. l.], 29 maio 2020. Disponível em: <<https://einvestidor.estadao.com.br/comportamento/kpop-parasita-a-bilionaria-onda-coreana>>. Acesso em: 23 out. 2020.

BBC. South Korea takes down propaganda speakers at border. **BBC**, [S. l.], 01 maio. 2018a. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-43958366>. Acesso em: 1 set. 2021.

_____. Por que a ida de Kim Jong-un a show de K-pop é surpreendente. **BBC**, [S. /], 02 abril. 2018b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43618902>. Acesso em: 1 set. 2021

_____. BTS: South Korea passes law allowing K-pop stars to postpone military service. **BBC**, [S. /], 20 dez. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-55147970>. Acesso em: 1 set. 2021.

BOBBIO, Norberto (org.). **Dicionário de política I**. 1a ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Social Space and Symbolic Power. *Sociological Theory* 7, **Sociological Theory**, v. 7, n. 1, 1989, p. 14-25

BRAGA, Lívia. BTS: O fenômeno K-pop além da dimensão musical. **Desenvolvimento e Sociedade**, Paraíba, n. 7, dez. 2019. <http://revistas.uevora.pt/index.php/desenvolvimento_sociedade/article/view/353/568>. Acesso em: 26 set. 2021.

CADEMARTORI, Luiz H. U. ; SANTOS, Priscilla C. A Interdependência Complexa e a Questão dos Direitos Humanos no Contexto das Relações Internacionais. **Revista Brasileira de Direito IMED** , v. 12, n. 2, p. 71-81, 2016.

CHOE, Sang-Hun. Holstering the K-Pop, South Korea Silences Propaganda at the DMZ. **The New York Times** [versão online]. 2018. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2018/04/22/world/asia/south-korea-propaganda-loudspeakers-north-korea.html>>. Acesso em: 26 set. 2021.

_____. Kim Jong-un Calls K-Pop a 'Vicious Cancer' in the New Culture War. **The New York Times** [versão online]. 2021. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2021/06/11/world/asia/kim-jong-un-k-pop.html>>. Acesso em: 26 set. 2021.

CHUNG, Young-lob. **South Korea in the fast lane: economic development and capital formation**. New York: Oxford University, 2007.

COX, Robert. Approaches to world order. [S. l.: s. n.], 1996.

DailyNK. Hallyu's hooks deep into North Korean society. **DailyNk**, [S. l.], 29 abril. 2016. Disponível em: <<https://www.dailynk.com/english/hallyus-hooks-deep-into-north-kore/>>. Acesso em: 26 set. 2021.

DALL'ACQUA, F. Crescimento e estabilização na Coreia do Sul, 1950-86. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 45, p. 103-125, jan./mar. 1991. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/512/7643>>. Acesso em: 26 set. 2021.

LIM, Darren J.; FERGUSON, Victor A. Informal economic sanctions: the political economy of Chinese coercion during the THAAD dispute. **Review of International Political Economy** [versão online]. (2021).

FRANCESCHI, Victor Bartmann de. **Economia internacional e desenvolvimentismo na Coreia do Sul (1961 - 1991)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Economia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6972/2/DIS_VICTOR_BARTMANN_DE_FRANCESCHI_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

GEUN LEE. A theory of soft power and Korea's soft power strategy. **Korean Journal of Defense Analysis**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 205–218, 2009.

GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia Brasileira Contemporânea**. 8. ed. – São Paulo:Atlas, 2017.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior. **Brazilian Journal of**

Political Economy, v. 30, n. 1, 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rep/a/pf3zwPjdz5ct8WjZ63kLpGn/?lang=pt>>. Acesso em: 26 set. 2021.

HYUN-KEY KIM HOGARTH. The Korean Wave: An Asian Reaction to Western-Dominated Globalization. **Perspectives on Global Development & Technology**, [s. l.], v. 12, n. 1/2, p. 135–151, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275454617_The_Korean_Wave_An_Asian_Reaction_to_Western-Dominated_Globalization>. Acesso em: 26 set. 2021.

HERMAN, Tamar. Korean Entertainment Thrives On Beneficial But Tense Relationship With Chinese Investments. **Forbes** [versão online], Fev., 2018. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/tamarherman/2018/02/27/korean-entertainment-thrives-on-beneficial-but-tense-relationship-with-chinese-investments/?sh=4d97998b6364>>. Acesso em: 26 set. 2021.

IBRAHIM, Hermano Caixeta. A Política Industrial Na Coreia do Sul e no Brasil Durante O Paradigma Tecnológico Da Microeletrônica. **Revista Cadernos de Campo**, Araraquara, n. 27, p. 83-114, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/13135/9064>>. Acesso em: 26 set. 2021.

JIN, Dalyoung. **Hallyu 2.0: the new Korean Wave in the creative industry**. Ann Arbor. Michigan: MPublishing, University of Michigan Library, 2012.

JISUNG, Yoo. The Role of Official News Releases of the Korean Ministry of Culture, Sports, and Tourism in the Success of the Korean Wave. **International Journal of Korean Studies**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 1–23, 2018.

KIM, Ji-Eun. **Korean Wave in China**: its impact on the south korean-chinese relations. 2011. Tese (Master of Arts) – University of British Columbia. Disponível em: <<https://open.library.ubc.ca/media/stream/pdf/24/1.0072403/1>>. Acesso em: 26 set. 2021.

KEOHANE, Robert e NYE, Joseph. **Power and Interdependence**. Nova Iorque: Longman, 1989.

KYUNG KIM, Wa; KIM, A. E.; CONNOLLY, D. Catching up to Hallyu? The Japanese and Chinese Response to South Korean Soft Power. **Korea Observer**, [s. l.], v. 47, n. 3, p. 527–558, 2016.

LOBO-FERNANDES, Luís. Soft power: o jogo de atracção cultural e as vantagens da cooperação. **Relações Internacionais**, n. 6, junho, 2005. Disponível em: <http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/r6/RI6_rec01_LFernandes.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

MEICK, Ethan; SALIDJANOVA, Nargiza. **China's Response to U.S.-South Korean Missile Defense System Deployment and its Implications**. EUA: U.S.-China Economic and Security Review Commission, 26 jun. 2017. Disponível em: <https://www.uscc.gov/sites/default/files/Research/Report_China's%20Response%20to%20THAAD%20Deployment%20and%20its%20Implications.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MARTINELLI, Caio Barbosa. O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global**, vol. 5 n. 1, jan./abr., 2016, p. 65-80. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/47424/28453>>. Acesso em: 26 set. 2021.

MACEDO, Emiliano Unzer. **A Montanha e o Urso: Uma História da Coreia.** Columbia & San Bernardino, EUA: AMAZON Independent Publishing, 2018.

MARINUCCI, Raquel Boing. **Mídia e Relações Internacionais.** Universitas Relações Internacionais, 2009.

MASIERO, Gilmar. A Economia Coreana: Características Estruturais. *In: SEMINÁRIO SOBRE BRASIL E CORÉIA DO SUL*, Rio de Janeiro, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2000. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF>>. Acesso em: 26 set. 2021.

MASON, Colin. **Uma breve história da Ásia.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MAZUR, Daniela. A Indústria Televisiva Sul-Coreana no Contexto Global. **Ação Midiática**, Curitiba, n. 22, p. 172-191, jul./dez. 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/73021/44152>>. Acesso em: 26 set. 2021.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS (South Korea). Department Global Communication and Contents Division. **History.** 2021. Disponível em: <<https://www.korea.net/AboutKorea/History/The-Beginnings-of-the-Countrys-History>>. Acesso em: 26 set. 2021.

MINSKY, H. P. **Stabilizing an Unstable Economy.** New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1986

MORGENTHAU, Hans J. **Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace.** New York: Alfred A. Knopf, 1950.

NOGUEIRA, João Pontes; MESARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NYE, Joseph S. **Soft Power the Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/28699788/Soft_Power_the_Means_to_Success_in_World_Politics_Joseph_S_Nye_Jr>. Acesso em 15/11/2020. Acesso em: 26 set. 2021.

OGOURA, Kazuo. From Ikebana to manga and beyond: Japan's cultural and public diplomacy is Evolving. **Global Asia**, v. 7, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.globalasia.org/v7no3/cover/from-ikebana-to-manga-and-beyond-japans-cultural-and-public-diplomacy-is-evolving_kazuo-ogoura>. Acesso em: 26 set. 2021.

PICCININI, Augusto. K-pop: propaganda política na fronteira entre Coreias. *In*: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Pelotas, 29, 2019, Niterói. **Anais...** Pelotas, RS, 2019. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/5740/public/5740-20753-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1989.

ROCHMAN, Alexandre Ratner. A avaliação de poder nas relações internacionais. **Lua Nova** [online], n. 46, p. 119-134, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/phMPKCbCTSylTHsFwSGjdfj/?lang=pt>>. Acesso em: 26 set. 2021.

ROSA, Tiago B. O Poder em Bordieu e Foucault: Considerações sobre o Poder Simbólico e o Poder Disciplinar. **Revista Sem Aspas**, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933/6882>>. Acesso em: 26 set. 2021.

RUFINO, Luana. **A Bem Sucedida Experiência Sul Coreana no Audiovisual**. Rio de Janeiro: RioMarket, 2018. Disponível em: <<https://antigo.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/O%20sucesso%20sul%20coreano%20no%20Audiovisual.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2021.

SILVA, Guilherme A.; GONÇALVES, Williams. **Dicionário de Relações Internacionais**. 2.ed. Barueri: Manole, 2010.

SNOW, Nancy. Public Diplomacy: New Dimensions and Implications. In: MCPHAIL, Thomas. **Global Communication: Theories, Stakeholders, and Trends**. 4.ed. Wiley-Blackwell, 2014.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.